

AS MISSÕES CATÓLICAS DOS SÉCULOS XIX E XX E O CONTRIBUTO DA MULHER

Grazia Loparco¹

Premissa

Um reconhecimento sobre as missões da Igreja Católica nos séculos XIX e XX requer uma explicação prévia do termo, dado que a área semântica foi enriquecida e articulada, seguindo a mudança associada ao fim do regime da cristandade². Por conseguinte, embora venha imediatamente à mente a renovação realizada pelo Concílio Vaticano II³, na realidade, a mudança de paradigma já tinha começado no século XIX, com a difusão da secularização no Ocidente e a presença de novos sujeitos eclesiais dispostos a levar o Evangelho às terras a evangelizar, muitas das quais ligadas aos domínios coloniais. A estas áreas geográficas juntaram-se as expostas à descristianização e, além disso, massas de migrantes trans-oceânicos, muitas vezes sem assistência religiosa. Don Bosco e outros fundadores, como Scalabrini, aperceberam-se de que o conceito clássico das missões *ad gentes* estava ultrapassado pela realidade e tornaram-se protagonistas da mudança.

Muitos estudos ilustram a missão e as missões, do ponto de vista teológico e histórico, com as muitas questões políticas, culturais, antropológicas, eclesiais e religiosas que lhes estão associadas; aqui concentramo-nos apenas em alguns aspetos que dizem respeito mais diretamente ao empenho das novas Congregações de votos simples, fundadas no século XIX e XX, e entre elas as congregações femininas, que constituem uma novidade⁴.

Algumas coordenadas da mudança no quadro geral

A origem do empenho missionário dos Salesianos e das FMA está num período de renovado ardor por parte da Igreja Católica e, ao mesmo tempo, num cenário político muito complexo com o qual ela deve defrontar-se continuamente. O que aconteceu antes da Revolução francesa?

Desde o século XVI até ao século XVIII, o desenvolvimento das missões católicas dependia dos governos aos quais estava vinculada pelos direitos de padroado da Espanha e de Portugal, com o direito de conquistar e o dever de evangelizar as terras descobertas na América, para a Espanha (com exceção do Brasil) e várias áreas da Ásia para Portugal (com exceção das Filipinas), através das costas da África.

Nos métodos pastorais, a missão como anúncio da salvação e da vida cristã é caracterizada pela espiritualidade das ordens religiosas que a assumem: os Mendicantes (Franciscanos, Dominicanos, Agostinianos, Mercedários, Carmelitas...), depois os Clérigos Regulares (como os Jesuítas), ou outras

¹Figlie di Maria Ausiliatrice, docente di Storia della Chiesa presso la Pontificia Facoltà di Scienze dell'Educazione «Auxilium», Roma.

²Questo testo riprende la presentazione offerta nel Giovedì salesiano dall'Auxilium, 10 ottobre 2024, in apertura del triennio di preparazione al 150° del primo invio missionario delle FMA. Sarà pubblicato, completato, sulla *Rivista di Scienze dell'Educazione*. Link youtube

³ CONCILIO ECUMENICO VATICANO II, Decreto sull'attività missionaria della Chiesa *Ad gentes*, 7 dicembre 1965, https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_it.html

⁴Si sorvola qui sulle realtà ecclesiali che facevano riferimento alle missioni popolari nei Paesi europei e ai missionari apostolici. Per una sintesi, si veda BROTTINI Mario, *Inizio ed evoluzione giuridica della Congregazione dei Missionari del Preziosissimo Sangue*. Dissertatio ad Doctorandum in Facultate Iuris Canonici Pontificiae Universitatis Gregorianae, Roma 2001.

formas canônicas como os Lazaristas. As mulheres estão ausentes, porque o apostolado é uma prerrogativa dos homens, ou seja, daqueles que podem pregar e administrar os sacramentos.

Com a difusão do Iluminismo, do jurisdicionalismo, da crítica à Igreja e da secularização promovida pela Revolução Francesa e pelas leis napoleônicas, as missões declinaram. Basta recordar a supressão dos jesuítas (1773), a dispersão das ordens religiosas e o confisco dos bens eclesiásticos em vários países, para perceber que em 1800 restavam cerca de 350-500 missionários. Em 1900, cem anos depois, são cerca de 87.000, ou seja, há uma mudança substancial.

Alguns **fatores inovadores** alimentaram o “*clima*” missionário e o reavivamento no século XIX:

- do ponto de vista económico, as descobertas e explorações geográficas, já concluídas, e o movimento comercial facilitaram as deslocações graças à navegação a vapor e levaram a uma transformação progressiva das relações entre os povos;

- politicamente, o nacionalismo de vários países desenvolveu-se, conduzindo ao imperialismo e ao colonialismo eurocêntrico. Rivalidades profundas dão origem a guerras, disputas comerciais pelo domínio e controlo de vastas áreas do planeta; com o fim dos domínios coloniais espanhóis e portugueses, os novos países independentes tentam preservar os privilégios do padroado; entretanto, a expansão colonial da França, da Bélgica, da Alemanha, em muito menor grau da Itália, e de países protestantes como a Holanda e a Grã-Bretanha condiciona a atividade missionária, mas não bloqueia a recuperação;

- do ponto de vista cultural, mantém-se a pretensão de superioridade da civilização europeia, que em vários momentos desencadeia a violência, devido à identificação da Igreja com os interesses dos opressores;

- o fluxo migratório de populações pobres em busca de um futuro, especialmente para a América, estimula um repensar da missão e das atividades dos missionários, como acontece também entre os países europeus, do Sul para o norte mais industrializado.

Quando a Igreja, depois de 1815, recupera da tempestade napoleónica, o continente europeu é invadido por um movimento de restauração e de renascimento espiritual que lhe permite reorganizar-se e recuperar a vitalidade missionária. Se os promotores da modernidade, revolucionários, socialistas, depois movimentos feministas elitistas, aspiravam a uma *regeneração* como um novo começo, à autonomia do progresso civil, desde que se emancipassem do controlo da Igreja, promovendo a descristianização, Pio VII e Leão XII entendiam a *recristianização* como um regresso ao regime do cristianismo, oposto ao indiferentismo religioso⁵. Foi precisamente “a ideia de matriz romântica de uma recristianização do mundo, em contraste com a mentalidade iluminista e revolucionária, que levou a um florescimento missionário que viu surgir novos institutos religiosos tipicamente missionários e, entre estes, também institutos femininos”⁶.

⁵ La spinta evangelizzatrice si manifesta anche delle chiese protestanti. Il termine è di conio post napoleonico, ancora usato in ambienti cattolici nella prima metà del '900. G. M. Vian, *Papi e santi fra rivoluzione francese e primo dopoguerra. Per una storia delle canonizzazioni tra Pio VII e Benedetto XV (1800 – 1922)*, «Cristianesimo nella storia», 18, III, 1997, 579-606. Secondo Vian, vi sarebbe stato un «disegno preciso dei vertici romani», volto a contrastare una «modernità avvertita come diversa e ostile»; e Leone XIII, citato da G. MICCOLI, *Ansie di restaurazione e spinte di rinnovamento: i molteplici volti del pontificato di Leone XIII*, in A. ZAMBARBIERI (a cura di), *I cattolici e lo Stato liberale nell'età di Leone XIII*, Istituto veneto di lettere scienze e arti, Venezia 2008, 1-27 (in particolare pp. 18-19).

⁶ BELLUOMINI Flavio, *Congregazione de Propaganda fide*, in *Aggiornamenti Vol. I - Associazione Italiana dei Professori di Storia della Chiesa* (online).

O termo *regeneração* foi usado num sentido muito diferente por Daniele Comboni no seu *Plano para a regeneração da África* (1864). Voltou numa carta circular atribuída a don Bosco⁷ depois a don Rua, em 1906⁸ a Madre Caterina Daghero em 1917 que o referia como repetido por Don Bosco⁹ e usado por estudiosos que indicaram, sucessivamente, a educação como contributo salesiano para a regeneração da sociedade¹⁰. Este movimento de ideias e conceitos tem a ver com o empenho missionário.

Despertar missionário difundido no século XIX

O despertar missionário é um movimento “popular” no sentido de “surgido do povo de Deus”, incluindo papas, sacerdotes diocesanos, religiosos e religiosas, leigos e leigas. A partir do restabelecimento do governo de Pio VII em Roma e da independência dos países americanos, a Congregação de Propaganda Fide, reorganizada em 1817, tornou-se muito mais ativa, mas não dispunha dos meios necessários para o empreendimento¹¹. Os Papas Gregório XVI (1831-1846) e Pio IX (1846-1878) retomaram a iniciativa das missões, tentando contornar as reivindicações dos antigos padroados e colaborar com os governos, mas na realidade não faltaram dificuldades, por exemplo na Argentina e no Chile, ainda no final do século. Os governos liberais marginalizavam cada vez mais a Igreja, mas não abandonavam facilmente o seu controlo.

Um importante contributo para as missões, combinando ideais e realismo, é a *Opera della Propagazione della Fede* (fundada em 1822, aprovada pelo papa em 1837), de que é animadora a leiga Pauline Jaricot (1799-1862), com o objetivo de estimular e canalizar os contributos dos católicos para as missões, criando uma impressionante rede de organização capilar, para a recolha de pequenas quotas mensais de dinheiro, com o envolvimento de todas as classes sociais. A mensagem missionária de Jaricot seria difundida em Itália pelo marquês piemontês Cesare Tapparelli d'Azeglio, considerado o primeiro apóstolo leigo da sociedade italiana moderna. Seguindo o modelo francês, surgiram cerca de 136 associações semelhantes nos vários países europeus. Entre elas, a *Opera della Santa Infanzia* foi fundada em 1843 pelo bispo de Nancy, D. Carlo Augusto de Forbin-Janson, e aprovada por Pio IX em 1846, com o objetivo de redimir e batizar crianças pagãs moribundas ou abandonadas. Em meados do século, as iniciativas missionárias estenderam-se a rotas e terras distantes.

O fundador do Instituto das Missões Estrangeiras em Milão, em 1850, foi o Padre Angelo Ramazzotti, apoiado pelos bispos lombardos; entretanto, foi também fundado em Roma um Seminário Pontifício dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo, em 1867, pelo Padre Pietro Avanzini, em 1871. As duas instituições fundiram-se em 1926 no Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME).

⁷ Cf BOSCO Giovanni, *Epistolario. Volume nono (1884-1886)*. Introduzione, testi critici e note a cura di Francesco Motto, Roma, LAS 2021, IX, 289. Nel caso specifico la lettera (19 marzo 1885) sottolinea la “rigenerazione dell’uomo” è riferita alla lettura di buoni libri. L’autore materiale del testo sembra don Giovanni Bonetti al curatore dell’edizione critica.

⁸ Lettera a suor Felicina Fauda, 10 settembre 1906, in RUA Michele, *Lettere e circolari alle Figlie di Maria Ausiliatrice* (1880-1910). Introduzione, testi e note a cura di Piera Cavaglià e Anna Costa = Orizzonti 25, Roma, LAS 2010, 337. Sottolinea che la famiglia è la base della rigenerazione sociale.

⁹ Cf lettera circolare di madre Caterina Daghero, 24 ottobre 1917, dattiloscritta. Richiamava l’importanza dell’oratorio: “Ricordiamo che il Ven.le Padre soleva ripetere: ‘Per rigenerare una città o un paese non vi è di meglio che incominciare con l’Oratorio festivo’. Impegniamoci dunque a contribuire alla restaurazione morale della società...”.

¹⁰ Cf BRAIDO Pietro, *Prevenire non reprimere: Il sistema educativo di Don Bosco*, Roma, LAS 1999, 404.

¹¹ SACRAE CONGREGATIONIS DE PROPAGANDA FIDE. METZLER Joseph (a cura di), *Memoria Rerum. 350 anni al servizio delle missioni. 1622- 1972*, Rom-Freiburg-Wien, Herder 1972 Nell’Introduzione, p. 7, scrive l’autore: “Il nuovo dicastero aveva il compito di promuovere e coordinare e dirigere l’attività missionaria della Chiesa in tutto il mondo. Il suo programma, tracciato dallo stesso fondatore papa Gregorio XV, si può così sintetizzare: operare la trasformazione delle missioni da fenomeno coloniale in un movimento puramente ecclesiastico e spirituale; liberare i missionari da ogni ingerenza dell’attività politica; favorire la formazione del clero autoctono e l’erezione di gerarchie episcopali nazionali; rispettare la cultura ed i costumi dei popoli convertendoli alla fede con il solo metodo pastorale, senza alcuna parvenza di costrizione senza imporre loro la civiltà europea; impostare infine, un programma unitario nell’opera missionaria».

O Concílio Vaticano I (1869-1870) é talvez o acontecimento mais propício para o desenvolvimento das missões católicas nas últimas décadas do século XIX, pois os bispos da América do Norte, da África (9) e da Ásia (41) aproveitaram a escala para encontrar e intercetar clérigos e religiosas para as suas dioceses.

Depois de Roma se ter tornado a capital do Reino de Itália em 1871, com o fim dos Estados Pontifícios e do “papa-rei”, Pio IX declarou-se prisioneiro no Vaticano. Este facto ocorreu apenas dois meses após a aprovação da *Pastor aeternus*, a constituição conciliar que definia como dogma a infalibilidade do Papa e a sua jurisdição universal sobre a Igreja. Em suma, o papado é agora politicamente irrelevante na cena política internacional, mas ao mesmo tempo adquire um poder de agregação e centralização inteiramente singular entre os católicos.

A Igreja está globalmente mais pobre, privada dos seus antigos privilégios e do apoio de vários governos, ao mesmo tempo que reforça a sua missão/extensão universal e católica e, portanto, a sua tarefa de evangelização dos povos. Com a cessação do poder temporal, a Santa Sé reforçou o seu empenhamento na difusão da fé e na comunicação. As viagens mais frequentes, a imprensa e as vagas de migração deram a conhecer povos e etnias distantes. O Evangelho ainda não chegou a todos. Mas com que meios se pode contar? As missões mais pobres e só gradualmente libertadas dos laços coloniais, sobretudo no século XX, contam mais com a confiança na Providência e com a iniciativa generosa dos fiéis e dos missionários. É claro que não se pode generalizar, porque a situação na América Latina é diferente da do Médio Oriente, dos países asiáticos não cristãos, onde os missionários não podem contar com os benfeitores locais.

A relação com as autoridades que devem conceder as autorizações varia consoante as situações e os acordos políticos em vigor. Um caso típico é o da França que, se no plano interno promulgou leis anti-congregacionistas e procedeu à separação entre a Igreja e o Estado, no plano externo favoreceu as missões, com a intenção de afirmação sobretudo no Extremo Oriente, instrumentalizando a religião. Também no final do século XIX e início do século XX, a África pagou o preço de uma divisão forçada entre países europeus, que cultivavam objetivos imperialistas e exploravam o continente.

Precisamente na complexidade da geopolítica, o impulso missionário deve procurar novos caminhos, fazendo malabarismos entre apoios inevitáveis para se inserir em diferentes lugares e denúncias prudentes, escolhas corajosas, testemunhos que em vários casos chegam ao heroísmo do martírio. Chegando, é preciso construir igrejas e obras para concretizar a caridade anunciada. Para aumentar as receitas da Santa Sé, ganhou força a oferta de São Pedro recolhida entre os católicos devotos, na Europa e depois nos Estados americanos, que serviria para subsidiar pelo menos uma parte das obras de caridade e das missões. Mas, para além dos recursos materiais, eram necessários recursos humanos.

Os leigos e leigas deixam-se envolver e sentem-se cada vez mais diretamente responsáveis pela fé e pelo destino da Igreja e do seu chefe, ameaçado e agitado como um barco na tempestade, como salientava a publicidade católica. Nas associações paroquiais, os membros aprendem a rezar com uma visão eclesial alargada e não apenas pelas necessidades pessoais; as revistas missionárias difundem o conhecimento de cenários longínquos, que acendem o espírito daqueles que se sentem dispostos a dedicar a sua vida a dar a conhecer o Salvador de todos.

Com o conhecimento, desenvolveu-se uma *espiritualidade missionária*, de que Santa Teresa de Lisieux (1873-1897), religiosa de clausura, se tornou o paradigma cuja oração, silêncio e contemplação se tornaram apostólicas e chegaram a toda a terra, a ponto de ser declarada Padroeira das Missões em 1926: “Se os meus desejos se realizarem, o meu Céu será passado na terra até ao fim do mundo. Sim, quero passar o meu céu a fazer o bem na terra... Não, não me poderei dar descanso até ao fim do mundo, e enquanto houver almas para salvar”¹².

¹² *Novissima Verba*, maggio-settembre 1897.

Neste cenário animado do século XIX, as ordens religiosas antigas renovam-se e partem de novo para as missões, depois de terem ultrapassado a crise das supressões e dispersões, enquanto a componente dinâmica e motivada das congregações religiosas aparece, com recursos jovens, orientada para o futuro e não para o passado. Muitas vezes, o terreno fértil são as associações paroquiais. Surgem já durante as perseguições da Revolução Francesa, mas difundidas nos séculos XIX e XX, várias Congregações de votos simples têm por objetivo difundir o Reino de Deus mesmo entre os pagãos, os infiéis. Fundadas sobre o apostolado laborioso de uma caridade multifacetada, sobre o trabalho dos membros, e já não sobre rendimentos e privilégios, são apoiadas pelos Papas “missionários”, que procuram estratégias para enviar evangelizadores eficazes, a respeito dos interesses propagandísticos da mãe pátria.

Neste sentido, a Cúria Romana confia diretamente o mandato pastoral a Vigários e Prefeitos Apostólicos, antes de erigir dioceses, e a fim de contornar as reivindicações locais, embora encontrando dificuldades, como Mons. Cagliero e outros salesianos sentiram na Patagônia, e mais tarde noutras áreas. Com esta estratégia, grandes territórios foram atribuídos a uma ou várias congregações religiosas. A iniciativa da Congregação da Propaganda Fide tem de enfrentar problemas de jurisdição e de relação entre institutos religiosos, enquanto que a presença crescente de igrejas protestantes, favorecidas pela liberdade religiosa ou pelos países dominantes, cria conflitos, competições e, em última análise, contra testemunhos entre aqueles que estão a entrar num cristianismo cujas razões históricas de divisão não conseguem compreender. Isso não acontece logo na América Latina, antes vinculada à religião do Estado, mas certamente nos Estados Unidos e no Canadá, assim como na Ásia, na África e na Oceania, onde os católicos chegam muitas vezes mais tarde, depois dos protestantes.

Vitalidade missionária dos Institutos religiosos

Na Europa fundam-se novos Institutos explicitamente missionários, ou com uma grande e original projeção missionária, cresce o número de religiosos, mas em vários casos permanecem preconceitos sobre a maturidade cristã dos candidatos locais quanto à possibilidade de perseverar nos votos. Isto tem repercussões no acesso dos nativos a muitas ordens e congregações religiosas, pelo menos até à *Maximum Illud* de Bento XV, de 1919, que prestou muita atenção à renovação do estilo missionário. Já no século XIX, porém, alguns fundadores tinham compreendido a importância de ter mediadores culturais locais para anunciar eficazmente a novidade do Evangelho, bem como de enviar missionários em idade jovem ou muito jovem, com grandes atos de confiança, para facilitar a sua inserção, a adaptação aos costumes e às línguas locais, e para os ligar à sua segunda pátria, assumida como sua. Foi também o caso dos Salesianos e das FMA: entre as primeiras missionárias de 1877, três, em seis, tinham 17 anos.

Muitos missionários reconhecem no campo que a ajuda das religiosas é indispensável à evangelização, por isso, as congregações masculinas queriam ao seu lado uma feminina semelhante.

Algumas fundações tipicamente missionárias

- 1814 Congregação do Picpus (Coudrin), na Oceania
- 1816 Oblatas de Maria Imaculada (Mazenot): África e Canadá
- 1822 Maristas (Colin), na Oceania
- 1841 Coração de Maria (Libermann), fundada com os padres do Espírito Santo, para a África
- 1849 Filhos do Coração Imaculado de Maria (Claret)
- 1850 Pontifício Instituto Missões Estrangeiras (PIME) (Mons. Ramazzotti)
- 1855 Missionários do Sagrado Coração (Chevalier): Nova Guiné
- 1862 Missionários Scheut (Verbiest): Mongólia, Congo, Filipinas
- 1867 Missionários Combonianos do Coração de Jesus (Comboni)
- 1868 Padres Brancos (Lavigerie): Nord África, Sudão, Sahara
- 1869 Missionárias de Nossa Senhora d’Africa (Madres Brancas)

- 1872 Pias Madres da Nigrizia (Comboni): Egito, Sudão
- 1875 Padres do Verbo Divino (Janssens): China, Africa (Nova Guiné)
- 1889 Servas do Espírito Santo (Janssens)
- 1896 Servas do Espírito Santo de adoração perpétua (Janssens)

Abrem-se seminários para as missões e congregações religiosas leigas para trabalhar principalmente na educação, como os Irmãos Maristas, os Marianistas. A partir de meados do século XIX, iniciam e crescem as fundações também em países fora da Europa ou de maioria protestante. A Congregação de Propaganda Fide, a partir da década de 1880, aprovou diretamente muitas Constituições de Congregações de votos simples que estavam sob o seu controlo direto, mesmo antes de essas Congregações obterem o pleno reconhecimento canónico da Congregação dos Bispos e Regulares, em 1900. Trata-se de algumas Congregações formalmente missionárias, fundadas em países católicos, mas também de Institutos fundados em populações não cristãs ou maioritariamente não católicas e, portanto, sob a jurisdição de Propaganda (Inglaterra, EUA, Holanda, Canadá...). Estas, depois de 1908, com a reforma da Cúria Romana, passaram a estar sob a alçada da Congregação para os Religiosos. As Constituições tenderam a conformar-se, primeiro, com as aprovadas pela Congregação dos Bispos e Regulares e, depois, com as suas *Normae* de 1901, tendo em conta alguns costumes culturais específicos, por exemplo, nos Estados Unidos.

Um aspeto relevante monitorizado pela Propaganda fide, entre outros, diz respeito à tendência para salvaguardar os vínculos dos Institutos fundados em terras de missão com a Santa Sé, limitando os seus vínculos com os bispos, onde eles existem, uma vez que, por vezes, pretendem interferir no controlo também das comunidades fora das suas dioceses, se a Casa Mãe se insere nelas. As relações entre as congregações religiosas, os bispos, a Santa Sé e as autoridades civis constituem as coordenadas em que se insere o trabalho dos missionários e, não raro, representam também os nós que ligam a missão dos religiosos segundo as situações e as épocas. Obviamente, muito depende da política e do tipo de relações governamentais com a Santa Sé, bem como de outros fatores relativos ao modelo institucional.

Aqui entra, como componente sem precedentes, o contributo das mulheres no apostolado direto, um elo fraco, politicamente irrelevante em relação às grandes Ordens, mas que consegue, em muitos casos, encontrar um caminho para novas fronteiras da comunidade cristã. É claro que, enquanto a fé foi imposta pelas potências coloniais como a única religião do Estado, não havia muita escolha. Quando a liberdade religiosa se impôs, as fronteiras missionárias abriram-se ou reabriram-se na América Latina e noutros locais, mas nas populações com outras tradições religiosas, especialmente na Ásia, as conversões tornaram-se mais difíceis, com a suspeita acrescida de que os missionários eram emissários de potências estrangeiras ameaçadoras. São necessárias figuras desarmadas e desarmantes, que convençam primeiro pelo modo de viver e de atuar e depois pelo que dizem; que falem a linguagem comum das famílias, antes ou ao lado da nova linguagem do catecismo, para a tornar compreensível. O cuidado com as pessoas de todas as condições sociais, com evidentes vantagens a nível humano, torna-se a mediação persuasiva que abre aos horizontes superiores da dignidade e da responsabilidade, criando as condições para a mudança, através da solicitude pela saúde, educação e instrução para todos, incluindo as mulheres, a proposta de meios para superar a pobreza e a miséria.

Em vários casos, as novas congregações masculinas foram ladeadas por uma congregação feminina que partilhava o mesmo fundador e o mesmo espírito, diferenciando as suas atividades em função do sexo, como no caso dos Salesianos, modificando a tradição das segundas Ordens femininas das Ordens medievais masculinas, que eram de clausura. Mesmo a partir das Ordens Terceiras, de mulheres leigas, surgiram várias congregações, basta pensar na galáxia franciscana que explodiu nos séculos XIX e XX.

O contributo dos Institutos femininos

Igino Tubaldo escreve que “não se pode falar de um ‘despertar missionário’ nos séculos XIX e XX se se prescindir do *contributo inédito da mulher*”¹³. O facto de considerar, durante muito tempo, “verdadeiras religiosas”, só as que estavam segregadas do mundo, está intimamente ligado ao estatuto das mulheres na Igreja: até à idade moderna, elas não se dedicavam ao ensino, exceto nos internatos monásticos, nem à assistência aos doentes. As que queriam ser religiosas entravam num mosteiro. No século XVI, houve um movimento das religiosas de clausura em direção às missões; ao lado dos mosteiros, surgiram os “beatérios”, onde as virgens nativas ou as virgens mestiças com votos (não solenes) se juntavam às monjas. Foi o Papa Gregório XIII que concedeu às mestiças a possibilidade de se tornarem religiosas. Durante várias décadas, mesmo as vocações autóctones que entravam numa Congregação europeia podiam ser ‘conversas’, mais raramente religiosas de pleno direito.

Piera Cavaglià recorda que o conhecido missiólogo jesuíta, Pierre Charles, identifica *três fases na história das missões*: na primeira, a mulher foi mantida afastada; na segunda, a mulher foi tolerada; na terceira, a mulher foi requerida, precisamente pelo seu trabalho educativo insubstituível¹⁴. No século XVII, de facto, ainda na primeira fase, respondendo à pergunta: “*Utrum feminae possunt esse missionarii*”, um Secretário da Sagrada Congregação da Propaganda Fide, respondeu: “*Negativo, quia feminae carent intelligentia*”¹⁵.

Graças à evolução social do século XVIII, surgiram muitas missionárias na Europa. As mulheres, de facto, ergueram-se nas barricadas revolucionárias e, com a progressiva difusão da escolarização também entre as classes populares, cresceu a sua consciência e o seu empenho também na esfera pública, embora privadas de muitos direitos e discriminadas na sociedade, como na Igreja, devido a velhos preconceitos. Com uma nova visão das suas responsabilidades também como crentes, e devido a uma convergência de fatores propícios, emergiu a desenvoltura de muitas apóstolas. Por outras palavras, o despertar missionário católico, investimento das pessoas enviadas pela Santa Sé e novidade da presença feminina são fatores concomitantes, que marcam a nova época missionária em que a persuasão deve substituir a imposição religiosa, os dons e competências femininas tornam-se decisivos para uma proposta religiosa que passa através das relações, percebidas como desinteressadas e não ameaçadoras.

Marie Javouhey fundou as Irmãs de S. José de Cluny e, em 1817, chegaram à ilha de Reunião; as Filhas da Caridade em 1839 partiram para as missões, seguidas pelas Irmãs Gianellinas, na América Latina; as primeiras, em 1856, seguidas pelas Franciscanas Missionárias do Egito em 1859, as Irmãs de Sant' Ana chegaram à Índia em 1860 e as Irmãs Canossianas a Hong Kong em 1867; seguiram-se muitos outros institutos religiosos femininos. Um caso particular são as Irmãs Combonianas, concebidas desde o início em paralelo com os sacerdotes e as leigas, lideradas por Daniel Comboni, que partiu para África em 1867, em vista de um projeto que via as mulheres africanas como protagonistas da evangelização, com o envolvimento da diocese de Verona e outras¹⁶. Alguns decénios depois, chegaram as Missionárias do Sagrado Coração, as Cabrinianas, nos EUA a partir de 1890; as Apóstolas do Sagrado Coração chegaram ao Brasil a partir de 1900 e aos EUA a partir de 1902; depois as Scalabrinianas, as Guanellianas e outras.

Já no final do século XIX, as mulheres ultrapassavam o número de missionários, devido à explosão de fundações femininas e ao protagonismo das mulheres na missão da Igreja, sobretudo nos domínios da educação, da promoção e da caridade para com as mais diversas categorias de pessoas. Em 1880, 30 novos Institutos religiosos contavam com cerca de 10.000 missionárias.

¹³ TUBALDO Igino, *Giuseppe Allamano. Il suo tempo, la sua vita, la sua opera* III, Torino, Ed. Missioni Consolata 1984, 93.

¹⁴ AA.VV., *Missioni e scuola. Atti della IV settimana di studi missionari*, Milano, Vita e Pensiero 1964, 13.

¹⁵ *Ivi* 12.

¹⁶ Cf <https://www.comboniane.org/>, <https://www.youtube.com/watch?v=N9Gls4U6LD4> (19 settembre 2024).

Na América Latina, as missionárias vindas da Europa foram acolhidas também pelo facto de, ainda em meados do século XIX, as Congregações de vida ativa serem quase inexistentes, pelo que se apreciou um novo modelo de religiosa, empenhada em obras reconhecidas como úteis para o desenvolvimento social, tanto nas zonas evangelizadas, como entre numerosas etnias e tribos. Com a independência dos países e a abolição da escravatura (por exemplo, no Brasil, em 1888), as Congregações religiosas foram progressivamente fundadas segundo o modelo das europeias. Surgiram institutos locais de direito diocesano, que fomentavam as vocações autóctones e estavam ao serviço das Igrejas locais. Foi sobretudo Pio XI, com a Encíclica *Rerum Ecclesiae* (28-2-1926), que promoveu a fundação de institutos religiosos autóctones, também para tornar mais visível a liberdade da Igreja em relação aos interesses estrangeiros. Afirmou que “era necessário estabelecer congregações religiosas masculinas e femininas em terras de missão”. Em 1937, a Congregação de Propaganda Fide emitiu normas específicas para a fundação e aprovação das Constituições de tais Congregações¹⁷. E, de facto, as fundações multiplicaram-se na Ásia e depois em África, enquanto o número de religiosas e, portanto, de missionários europeias, diminuía.

As fronteiras

No século XIX, a África era a nova grande fronteira missionária, onde as missionárias tomaram a dianteira no meio de muitos desafios. Neste continente, pensava-se que as raparigas eram impedidas de se tornarem religiosas, devido à primazia absoluta dada à sua maternidade biológica. Foi precisamente para esta terra que se dirigiram os grandes missionários:

- Pe. Libermann, mestre de espiritualidade missionária. Renovador e organizador das missões.
- Card. Lavigerie, com o Instituto dos Padres Brancos. Pensava criar um Reino Cristão no Centro de África, propugnando um método vertical: converter os africanos com os africanos. Daqui nasceu o sistema dos institutos-catequistas.
- O card. Massaia, capuchinho, aposta sobre o clero autóctone em África, e sobre as qualidades dos missionários e catequistas. Adota o método da pré-evangelização e aposta na escola.
- Daniel Comboni, com uma grande paixão pela África, com a ideia de que as mulheres africanas devem evangelizar outras, funda as Madres da Nigrizia; e o Alamano, sobrinho de São Giuseppe Cafasso, fundador das Irmãs da Consolata, começam a olhar para a primeira evangelização, a primeira.

A Ásia é uma fronteira complexa, uma vez que, com exceção das Filipinas católicas e dos centros coloniais dos portugueses espalhados por vários países (Índia, Sri Lanka, China, Japão, Indonésia, Timor-Leste...), vastas terras de culturas e religiões antigas e tradicionais impedem ou desconfiam dos missionários, depois das incompreensões, condenações e perseguições dos séculos XVI e XVII. Matteo Ricci e tantos outros jesuítas que tinham introduzido o método de adaptação às culturas locais pareciam vencidos pela imposição de uma uniformidade de ritos, rejeitada pelos governos locais como uma ingerência estrangeira. A Índia, dominada pelos britânicos, abriu-se muito gradualmente aos missionários católicos, num confronto difícil com os protestantes e o hinduísmo. No século XIX, os novos missionários sofreram perseguições na Coreia, no Vietname, na Birmânia e depois na China...

¹⁷ Cf *Normae pro Constitutionibus Congregationum Iuri Dioecisani a Congregatione De Propaganda Fide Dependuntium*, Roma, Tipys Polyglottis Vaticanis 1940.

Mas mesmo na América Latina existem grandes áreas não evangelizadas no século XIX e, além disso, o fenómeno crescente das migrações agrava a urgência missionária. Na América do Norte, os espaços missionários eram partilhados principalmente por ingleses, irlandeses e franceses.

Entre outros países que enviaram muitos missionários vistos com desconfiança no século XIX, como a França, a Alemanha, a Bélgica, a Holanda, o governo da Itália liberal, que não era uma grande potência, favoreceu o envio de missionários para certos países para aumentar o enraizamento dos seus valores e interesses. Todos os missionários, consoante os casos, estão ligados à pátria e distanciam-se da instrumentalização. No entanto, pelo menos até ao início do século XX, os missionários têm geralmente uma visão unilateral do desenvolvimento e do progresso, pelo que estão dispostos a fazer qualquer sacrifício para “civilizar” e evangelizar os chamados “selvagens”; ao mesmo tempo, apercebem-se de que algumas sociedades, pelo menos em algumas zonas, estão bem desenvolvidas, pelo que o anúncio do Evangelho necessita de uma linguagem adequada, de mais modéstia e paciência. No caso salesiano, a Associação Nacional para a Assistência aos Missionários Católicos (ANSMI), fundada pelo Prof. Ernesto Schiaparelli, favorece as obras entre os migrantes na América e no Médio Oriente, tentando contornar os protetorados governamentais, que a Santa Sé não podia ignorar.

A intencionalidade missionária, cada vez mais prevalecente sobre os condicionalismos nacionais, facilita em muitos missionários o interesse pelo desenvolvimento dos povos indígenas, nomeadamente pela educação e pelos cuidados de saúde, condição indispensável para o desenvolvimento das populações. Precisamente onde as situações políticas, sociais, culturais são mais complexas, a mediação feminina torna-se preciosa, porque é irrelevante aos olhos dos poderosos. Perante tanta variedade, o estudo das missões deve ser sempre diversificado por épocas, por áreas geográficas e culturais, evitando julgar factos e mentalidades do passado com categorias atuais e muitas vezes unilaterais, quando os aspetos e efeitos a examinar são muitos e por vezes contraditórios, como acontece habitualmente nos assuntos humanos¹⁸.

O anúncio do Evangelho, por exemplo, não é uniforme; assume características próprias nas congregações femininas. As Irmãs, de facto, não são pregadoras, nem sacerdotes que exercem o ministério sacerdotal, mas mulheres que participam na missão evangelizadora através da educação, da instrução, dos cuidados de saúde, da catequese essencial, das reuniões informais e de pequenos grupos. É uma proclamação a partir de baixo, no tecido social dos sem voz e sem direitos, onde a autoridade é conquistada através da caridade desinteressada. E, no entanto, em várias capitais americanas, abertas à modernidade, surgiram internatos com o apoio das autoridades locais que apreciavam a educação de religiosas modernas para as suas filhas, promotoras de uma mudança de mentalidade nas famílias ou através da educação magisterial, poderosa alavanca de transformação generalizada. Segundo os carismas, por exemplo, no caso das FMA, insistiam em associar obras para as famílias abastadas com as populares, partindo sempre do oratório festivo e das escolas de trabalho.

Dos lugares de origem às missões: caracteres institucionais

Relativamente às congregações femininas presentes nas terras de missão ad gentes, há que distinguir entre as fundadas na Europa no século XIX e as mais recentes, surgidas no século XX, em todos os continentes. As primeiras tiveram de percorrer caminhos diferentes do ponto de vista institucional.

Várias fundadoras do século XIX afastaram-se do seu lugar de origem em poucos anos, apesar de disporem de poucos recursos. Isto leva a desconfiar da possibilidade de êxito e, por vezes, a reclamar o controlo dos bispos, de modo que, logo procuram a aprovação pontifícia, ou seja, a

¹⁸ Sebbene ci siano molti studi, ci sono anche ingenti fonti archivistiche non ancora esplorate, soprattutto connesse alla Congregazione di Propaganda Fide e agli archivi nazionali dei Paesi coloniali e dei Paesi di arrivo, con tutte le distinzioni politiche e dei diritti veri o presunti.

dependência direta da Santa Sé. A Santa Sé, por seu lado, pôs em prática medidas cautelares através dos cardeais protetores: fixou a duração dos cargos governamentais, especificou a ajuda dos conselhos gerais e provinciais, o pedido de relatórios periódicos a apresentar à Sagrada Congregação sobre pessoas e coisas, dados económicos, estruturais e apostólicos. Naquela época, era impensável apoiar obras de carácter público só por mulheres, alargadas a uma rede internacional. Para a autoridade eclesiástica, a presença do Conselho é uma forma de garantir o bom governo das mulheres, protegendo as congregações da temida inadequação de uma única superiora. De facto, por vezes, realiza-se um governo mais participativo, atenuando parcialmente a visão de cima para baixo facilitada pelo governo centralizado dos novos institutos. Preveem transferências de pessoal e solidariedade económica para o fim apostólico comum, em prol de um ambiente mais corresponsável. E numa vida comunitária idealmente sem diferenças.

Esta institucionalidade é vivida também nas missões longínquas, com as quais as superiores tentam manter contacto, através de cartas, por vezes com viagens árduas e longas, e com a observância dos regulamentos relativos às devidas autorizações sobre casas, obras, pessoal. É claro que, por vezes, numa missão, é preciso tomar decisões sem poder esperar meses, entre o envio de cartas e as respostas das superiores¹⁹. Por vezes acontece que uma província se separa da Congregação e funda outra, mais relevante para as necessidades locais, precisamente por causa de mal-entendidos de mentalidade.

As Congregações que surgem mais tarde, em terras de missão, a partir de meados do século XX, tomam forma já num contexto de tradição limitada, onde o direito canónico e o controlo centralizado da Cúria do Vaticano estão mais distantes. Elas lidam mais com os fundadores, os bispos, por vezes com a tendência de permanecerem ligadas ao seu próprio território e contexto limitado.

Algumas notas para aprofundar em relação às Congregações femininas

Num breve encontro sobre um tema complexo, há sempre o risco da generalidade e da superficialidade no que respeita aos diferentes contextos políticos e culturais e às diferenças quer entre os períodos estudados, quer entre as Congregações envolvidas. O tema das missões deve ser analisado caso a caso. Aqui podemos apenas indicar alguns aspetos que merecem ser aprofundados, sobretudo entre as missionárias, para quem o contacto com outros povos constituiu, desde há muito tempo, um extraordinário alargamento de horizontes humanos, espirituais e eclesiais, associados a desafios por vezes inimagináveis.

1. Para as Congregações que surgiram na Europa, é preciso explorar o impacto do encontro entre culturas diferentes, tanto no governo central do Instituto, por exemplo, as reflexões no Conselho Geral e nos Capítulos Gerais, como a nível local (por exemplo, a autodeterminação das mulheres, o empreendimento económico...). Por outras palavras, se, e como é, que a contaminação cultural vai mudando gradualmente a mentalidade de todo o corpo. Além disso, é preciso estudar quando as vocações autóctones assumem tarefas de governo e de formação a todos os níveis do Instituto, quando, por sua vez, partem para outras terras e trajetórias missionárias, como amadurece a corresponsabilidade.

¹⁹ Vari studi concernenti le religiose missionarie in USA sono raccolti nel volume di GARRONI Maria Susanna (a cura di), *Sorelle d'Oltreoceano. Religiose italiane ed emigrazione negli Stati Uniti: una storia da scoprire*, Roma, Carocci 2008; tra altri, D'AGOSTINO Peter R., "Vi autorizzo a prendere severi provvedimenti contro di loro": lo scioglimento dell'ordine delle Suore Apostole del Sacro Cuore di Gesù a Boston, 1894-1911, in *ivi* 83-109. Inoltre PIZZORUSSO Giovanni, *Blandina e le sue sorelle. Emigrazione, americanizzazione, modernizzazione: note sul ruolo delle religiose italiane in America*, in *Studi Emigrazione/Migration Studies* 47(2010)180, 974-990; BUFFON Giuseppe - POZZOBON Maria Antonietta, *Un altro francescanesimo. Francescane missionarie da Gemona a New York tra immigrazione e servizio sociale*. Milano, Edizioni Biblioteca Francescana, 2009; CARROZZINO Michela, *Le guanelliane a Chicago (1913-1940)*, in BARTOLONI Stefania, (a cura di), *Per le strade del mondo. Laiche e religiose fra Otto e Novecento*, Bologna, Il Mulino 2007, 415-435.

2. A relação com as autoridades eclesiais e civis, locais e centrais, tendo de conjugar várias instâncias; qual a influência dos condicionamentos políticos, mas também da própria mentalidade, para examinar se, e em que medida, as missionárias são executoras de ordens, ou mais criativas no terreno.

3. A um nível mais profundo, é preciso explorar melhor como os “carismas institucionalizados” interpretaram o sentido da missão em terras diferentes daquelas das origens de um Instituto. Seria dizer que a missão, por vezes, não parte do anúncio verbal, mas os Institutos abrem escolas, hospitais, colégios, formam professores e não só catequistas locais, visando uma educação integral, transformadora do ambiente, a nível religioso e civil. Por vezes, preferem trabalhos estruturados, em vez de continuarem a visitar as famílias nas aldeias. É uma forma moderna, proposta e não imposta, que visa o reconhecimento concreto da dignidade de cada pessoa e de toda a pessoa, com todas as suas necessidades, com um valor acrescentado quando se fala de mulheres em culturas de desigualdade inquestionável. Naturalmente, com o risco de trazer um modelo estranho, embora vivido como partilha de um espírito entendido como dom e responsabilidade para toda a Igreja, e para todos, sem fronteiras. Por vezes, isto provocou reações e incompreensões, mas é igualmente verdade que foram precisamente os missionários e as missionárias que, por vezes, mais promoveram as populações locais, abrindo horizontes e caminhos de desenvolvimento, antecipando as intervenções públicas.

4. A multiplicação de pequenas congregações, vinculadas sobretudo a um bispo fundador e a uma diocese, sem projeção internacional, se por um lado facilita a inserção das religiosas no meio do povo e um apostolado eficaz, por outro lado pode por vezes colocar problemas de continuidade, de sustentabilidade e de desenvolvimento das comunidades.

O conceito de missão na Congregação salesiana: uma anotação

Don Bosco não fundou formalmente uma Congregação missionária, mas desde o início teve o forte impulso de difundir o espírito salesiano por toda a parte. *Da mihi animas cetera tolle*, o desejo de cooperar com o Salvador e Maria Auxiliadora para a salvação das almas (não desencarnadas!) foi a razão de tantos sacrifícios, de tanto estudo e trabalho. Em linguagem atual, podemos dizer que Don Bosco tinha em mente uma tarefa global, um coração “católico romano” para a salvação, destinada a formar todos os jovens “bons cristãos e honestos cidadãos”, em toda a parte.

Quando pensa nas missões do sul da Patagónia, tem em mente os “selvagens” ou semi-selvagens, como eram chamados os grupos étnicos. Pensa poder chegar aos adultos, oferecendo primeiro educação aos jovens. Entretanto, com uma visão moderna das missões, tinha também uma ideia clara da situação dos emigrantes italianos que, como dissemos, tinham perdido a fé no Oceano. Assim, os primeiros missionários foram para o meio deles, também para terem um trampolim para as missões *ad gentes*. De facto, com a difusão das ideologias anticlericais, as congregações empenhadas em obras de caridade ao serviço do povo, tornaram-se o trampolim para aproximar a rua e a igreja, as tabernas e os sacramentos. Geralmente, nas fundações em novos países, as FMA seguem os salesianos que lhes abrem o caminho e as chamam.

As mulheres são cada vez mais necessárias, porque os homens são os primeiros a desinteressar-se da fé e, nas famílias, dificilmente deixam que os padres se aproximem das suas mulheres, irmãs e filhas. As mulheres são necessárias, com a sua capacidade de relação e serviços de cuidado. No caso salesiano acontece também que os missionários da primeira hora, Mons. Cagliari, Mons. Costamagna, afirmam que as Irmãs são “as auxiliares necessárias” nos territórios de missão, enquanto, por exemplo, na Europa a assimetria permaneceu evidente, no sentido de que os sacerdotes eram pregadores, confessores, em alguns casos professores nos colégios femininos, mas as FMA não tinham tarefas catequéticas e formativas nos colégios ou nos seminários masculinos. Nas missões, ao invés, partilhavam o apostolado e muitas vezes as Irmãs preparavam o terreno para a administração dos sacramentos, além de apoiar fraternalmente o trabalho dos missionários. A generosidade do seu

serviço, o sacrifício e a pobreza alegre tornaram o anúncio credível e fiável, superando os preconceitos.

No caso salesiano, desde o início há um pedido explícito de ir em missão. Mas o que é que isso significa? Normalmente basta deixar a própria pátria para ser consideradas missionárias. Assim, da Itália para a Espanha católica ou para a França já se parte em missão. No início do século XX, don Rua dizia que as zonas mais pobres da península são como a Patagónia italiana, ligando assim a missão não a um território físico, mas a uma condição sócio-cultural, económica e religiosa. Esta ideia difunde-se também entre outros superiores: a Índia, a China, no imaginário, indica ambientes de pobreza espiritual e material, mesmo em casa e nas cidades. Alude ao facto de os missionários levarem os valores civilizados juntamente com a fé, onde estes faltam. Com o afastamento da prática religiosa de vários grupos sociais, como os operários e os profissionais, fala-se de obras de “penetração”, para uma necessária recristianização, que de algum modo reconfigura a missão.

Obviamente, no impacto com as antigas civilizações orientais, onde há desenvolvimento cultural e prática religiosa alternativa à fé católica, o conceito de missão muda. As obras sociais, em favor dos grupos desfavorecidos, destacando os valores evangélicos primeiro com gestos que com palavras, tornam-se uma mediação do anúncio da fé invertida pela caridade. O rosto materno, paciente, doce do Deus cristão, assume as características de tantos religiosos humildes que passam a vida assumindo até ao fim a sua segunda pátria, sem querer voltar atrás, na segurança das suas origens. A caridade torna-se a linguagem mais compreensível, universal, expressiva e convincente, desarmante. É preciso ter em conta que, em muitos contextos, a baixa estima das mulheres implica que as religiosas tenham de conquistar gradualmente e, por vezes, à força, a estima das autoridades locais e, ao mesmo tempo, abrem caminho a uma evolução da subjetividade feminina local, na família e na sociedade.

Estas poucas pinceladas aludem a muitas histórias. O estudo do contributo das mulheres nas missões, com a evolução dos períodos e das áreas geográficas, é um terreno a explorar, para além dos casos individuais de figuras e instituições heroicas, para captar os desafios, as resistências, bem como a novidade que elas produzem na Igreja num sentido real e amplo, quer nos territórios de evangelização, quer na criação de redes de solidariedade e comunhão entre lugares de origem e lugares de inserção. O estudo conjunto das duas margens geográficas é indispensável para iluminar mentalidades, condicionamentos, motivações e atitudes, sabendo que o conhecimento e a compreensão dos contextos afastam mais tarde preconceitos ou avaliações anacrónicas.

Também a cooperação entre missionários e missionárias do mesmo carisma assumiu diferentes matizes. Até agora, as relações mais informais foram entendidas como uma adaptação necessária e inevitável à situação, mas talvez, nos melhores casos, devam ser reconhecidas como algo novo e positivo na cooperação, valorizando competências e habilidades diferentes e complementares. No caso da Família Salesiana, com tantas Congregações locais fundadas por um salesiano, muitas vezes missionário, é igualmente estimulante olhar para uma outra reflexão, ou seja, para o intercâmbio que se deu entre as novas fundações e as FMA missionárias, às vezes envolvidas como formadoras ou superiores. Fundadas por don Bosco, autor das primeiras Constituições, que elementos do rosto feminino do carisma salesiano foram transmitidos nas novas famílias religiosas, na letra e no coração da formação, da comunidade e da vida apostólica.

Pensando nos missionários e nas missionárias em geral, estamos no início de uma fascinante descoberta dos traços da Palavra de Deus em tantas terras; Palavra traduzida em palavras e gestos concretos e ordinários, incarnados; em viagens difíceis e desembarques inesperados e imprevistos para ir ao encontro das pessoas, sem interesses particulares ou poder, mas porque são reconhecidos como irmãos e irmãs da mesma família dos filhos de Deus, com os mesmos direitos de acesso à salvação.

Grazia Loparco, fma

Bibliografia essencial

Muitos estudos e autores exímios sobre as missões católicas, em várias línguas.

Para as missões salesianas, ver o volume publicado por ocasião do primeiro centenário: SCOTTI P. (ed.), *Missões Salesianas 1875-1975. Estudos por ocasião do centenário* = Estudos e pesquisas 3, Roma 1977; FRESIA Iván A. e al. (compiladores), *Igreja e Estado na Patagônia. Repensando as missões salesianas (1880-1916)*, Rosário 2016.

Várias publicações editadas pelo Instituto Histórico Salesiano, da Associação dos Cultores de História Salesiana (ACSSA) e do Instituto das FMA.

Acerca das migrações e dos institutos religiosos ativos neste campo, cf estudos do CSER. Sobre o papel das mulheres na missão, além de numerosas biografias e *Positiones*, cf SMITH Susan, *Women in mission. From the New Testament to Today* 2007.